



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

---

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL  
E MODERNO EM PORTUGAL

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**74-75**

Ano de Edição

**2025**

Ano Associativo AAP

**2022-2023**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e César Neves**

Design gráfico

**Paulo Freitas**

Fotografia da capa

**Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**250 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud

## **SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM**

- 9 Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)  
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo  
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia  
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca  
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos  
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa  
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul  
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001  
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja  
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura  
Santiago Macias
- 99 Memórias  
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana  
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas  
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa  
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia  
Manuela de Deus

## **SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL**

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo  
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval  
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa  
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa  
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto  
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura  
Vanessa Gaspar

## **ARTIGOS**

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?  
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios  
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica  
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*  
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)  
Carlos Boavida

## **RELATÓRIOS**

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022  
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023  
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# AS “COVAS DE PÃO” DE CARNIDE: UM GRANDE CELEIRO ÀS PORTAS DA LISBOA MEDIEVAL

---

Ana Caessa<sup>1</sup>, Nuno Mota<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Arqueóloga na Câmara Municipal de Lisboa (CML) / ana.caessa@cm-lisboa.pt

<sup>2</sup> Arqueólogo na Câmara Municipal de Lisboa (CML) / nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

## Resumo

O Projeto de Requalificação Urbanística e Paisagística do Largo do Coreto em Carnide e envolvente possibilitou uma prolongada intervenção arqueológica no local, entre Março de 2012 e Maio de 2013. Nesta intervenção foram identificadas várias realidades arqueológicas, de que se destacam os 127 silos (dos 164 registados arqueologicamente até ao presente) que corresponderão às “covas de pão” referidas em documentação medieval. A mancha de distribuição dos silos, a quantidade e as suas características, o que se pode aferir sobre as questões relativas à sua propriedade e uso, ao longo do tempo, transformam Carnide num “caso de estudo” sobre estas estruturas de armazenamento subterrâneas e o seu significado nas estratégias de ocupação do espaço.

**Palavras-chave:** Arqueologia, Carnide, Silos, Época Medieval e Moderna.

## Abstract

The Urban and Landscaping Requalification Project of Largo do Coreto in Carnide and Surrounding Areas has enable a prolonged archaeological intervention on the site since March 2012 to May 2013. Several archaeological realities were identified, most notably the 127 silos (out of 164 recorded archaeologically to the present day) which correspond to the “bread pits” referred to in medieval documentation. The distribution pattern of the silos, the quantity, and their characteristics, what can be assessed about issues relating to their ownership and use over time, transform Carnide into a “case study” about these underground storage structures and its meaning in space occupation strategies.

**Keywords:** Archaeology, Carnide, Silos, Middle and Modern Ages.

## 1. NOTA PRÉVIA

O “Largo do Coreto” não existe oficialmente na toponímia da freguesia de Carnide, em Lisboa. O local que é, popularmente, assim conhecido desde os inícios do século XX (quando por volta de 1902 aí foi instalado um coreto, ainda móvel e em madeira,) é na realidade o largo que é delimitado pela Rua Neves Costa (no século XIX, Passeio do Alto do Poço ou Passeio do Espírito Santo) ou a (ainda mais) antiga Rua Direita à Luz, cujos arruamentos adjacentes conservam presentemente os topónimos antigos: Rua do Machado, Travessa do Machado e Travessa do Jogo da Bola. Esta área, alvo do Projeto de Requalificação Urbanística e Paisagística que motivou uma intervenção arqueológica, está situada no quadrante Noroeste do Concelho de Lisboa (Carta Militar de Portugal 1: 25 000, folha nº 431) num pequeno planalto à Latitude N 38°45'35.75'', Longitude W 9° 11'20.49'', a uma altitude de 100 m (Figura 1).

O local está integrado numa “zona Antiga” cujos limites foram definidos em finais de 1976 pela Câmara Municipal de Lisboa, decorrendo desde essa altura o longo processo com vista à classificação do conjunto<sup>1</sup>. O próprio Plano de Urbanização de Carnide<sup>2</sup>, embora mais focado para as áreas não antigas, leva em consideração a sensibilidade patrimonial no núcleo histórico da freguesia. Assim, não será de estranhar que o núcleo antigo Carnide/Luz esteja sinalizado no Plano Diretor Municipal de Lisboa (PDML), como área de sensibilidade arqueológica obrigando à realização de trabalhos arqueológicos no âmbito de todas as operações urbanísticas que impliquem escavação de solo e subsolo.

O interesse na classificação do conjunto e a sua integração em mancha de sensibilidade arqueológica, refletem o reconhecimento da antiguidade do local e a preocupação com a salvaguarda do seu património histórico numa ótica de conjunto, muito alicerçados, até aos fins do século XX, numa tradição historiográfica sobre o local e a alguma informação arqueológica, então disponível.

<sup>1</sup> Apesar de revisões aos limites da área a classificar, de acordo com o Anúncio nº 13 709/ 2012 publicado no *Diário da República*, 2ª série, nº 223 de 19 de Novembro de 2012, a Zona Antiga Carnide/ Luz, em Lisboa, encontra-se em processo de classificação como Conjunto de Interesse Público. A classificação de imóveis notáveis dessa zona, nomeadamente de edifícios religiosos, bem como a definição das Zonas Especiais de Proteção (ZEP) ocorreram de forma mais simples.

<sup>2</sup> Publicado em Aviso no *Diário da República*, 2ª série, nº 149 de 5 de Agosto de 2013.

## 2. A TRADIÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE CARNIDE

A história de Carnide<sup>3</sup> tem sido difundida através de um conjunto bibliográfico diversificado, mas não muito numeroso<sup>4</sup>. A leitura desta bibliografia demonstra pouca evolução na exploração das inúmeras fontes arquivísticas enunciadas (mas pouco exploradas) desde os primeiros trabalhos publicados e, nalguns casos, a grande influência que as obras mais antigas continuam a ter na produção das mais recentes, não se verificando alterações significativas no discurso sobre a evolução histórica de Carnide. A recente monografia intitulada “A ermida que há dentro deste lugar de Carnide” (Carvalho, 2021) toma como pretexto um edifício de natureza religiosa para abordar toda a história de Carnide. Embora refira fontes arquivísticas e arqueológicas não se distancia do discurso historiográfico tradicional (Caessa e Mota, 2023, 2031-2032).

Muitos dos trabalhos que tratam a história do sítio começam por tecer considerações etimológicas sobre o topónimo, dando-lhe uma origem linguística céltica ou árabe, e com isso fazem recuar a essas épocas remotas o povoado (como acontece em Pereira, 1914 – 1916 [1914], 169; Araújo, 1977, 50 e em Consiglieri *et alli*, 1993, 59).

Contudo, toda a bibliografia aponta os finais do século XII para o aparecimento das fontes para o estudo da história de Carnide. E nessa época consequente à conquista cristã de Lisboa aos mouros, os textos são unânimes em apresentar Carnide como uma área

<sup>3</sup> A contextualização histórica que se apresenta neste texto segue de perto, atualizando, o publicado em Caessa e Mota, 2014.

<sup>4</sup> Apenas uma vez, entre 1914 e 1916, no periódico da Universidade de Coimbra, *O Instituto*, terá sido tentada a publicação de uma monografia histórica, “Memórias de Carnide”, nunca concluída (Pereira, 1914-1916). Para além deste exemplo, o que existe, cobrindo um período de publicação que vai do século XVII ao XXI, são estudos sobre algumas das casas religiosas de Carnide (como por exemplo, Soveral, 1610 ou Araújo, 1977), artigos de investigação de variados temas históricos que casualmente empurraram a pesquisa para a região de Carnide (como Azevedo, 1905, 1-33), memórias com forte pendor autobiográfico (por exemplo, Pereira, 1910, 55-146), artigos em obras dedicadas ao património histórico-cultural de carácter mais geral (tais como, Gonçalves, 1994a, 213-214; Gonçalves, 1994b, 854-855; Jorge, 1994, 214-216; Moita, 2000a, 222-229; Moita, 2000b, 229-231; Moita, 2000c, 231-235; Moita, 2000d, 235-238; Moita, 2000e, 238-241; Moita, 2000f, 241-242; Moita, 2000g, 243-244; Sucena 1994a e 1994b), ou mesmo pequenos roteiros com fins turístico-culturais (como por exemplo, Carvalho, 1987; Calado e Ferreira, 1991; Consiglieri *et alli*, 1993; Figueiredo, 2005).

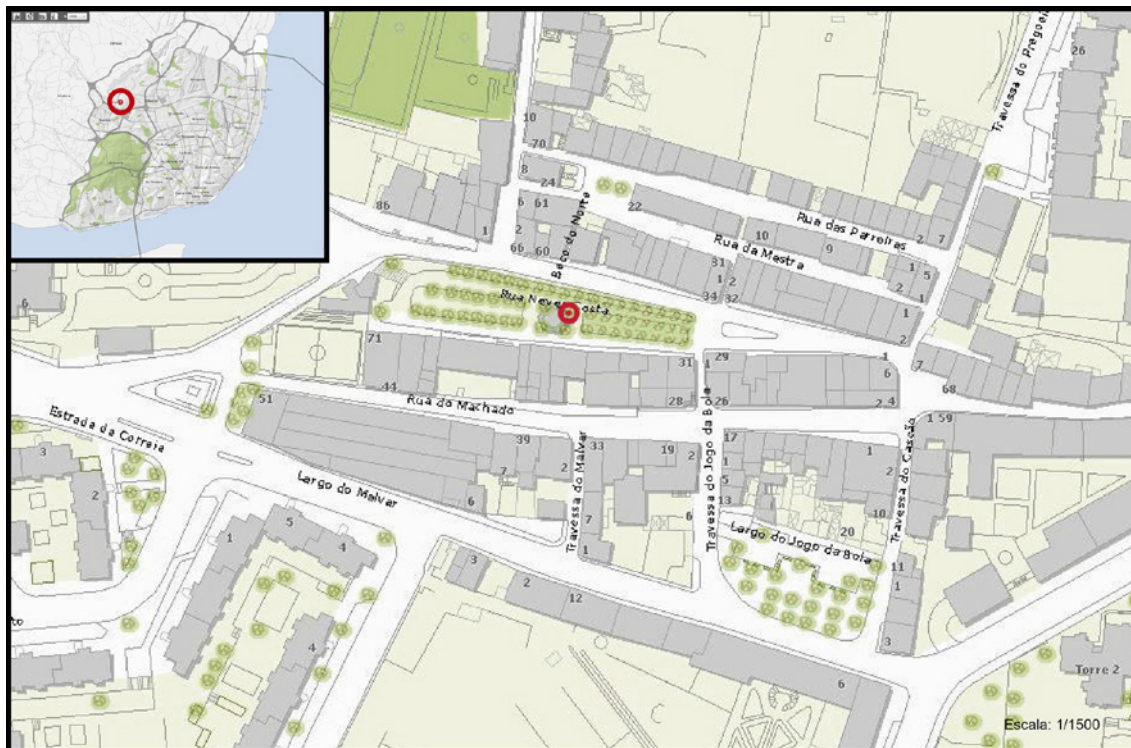


Figura 1 – Localização de Carnide no território de Lisboa (círculo vermelho); Largo do Coreto (Rua Neves Costa) e ruas adjacentes [Fonte: <https://website.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LXInterativa.LXI>].

preenchida com herdades agrícolas, propriedade de particulares abastados (incluindo a família real) e de casas conventuais como São Vicente de Fora e Santa Maria de Chelas, ou Santo Elói, por exemplo. Para o aparecimento da aldeia são assinalados como marcos, um documento de 1259, conhecido como “Foral de Carnide”<sup>5</sup>, pelo qual o Mosteiro de São Vicente de Fora divide parte do território de que é proprietário em Carnide em 32 courelas, para 29 povoadores e, em 1279, a criação da paróquia.

De acordo com a bibliografia, a aldeia de Carnide e muito daquilo que a caracterizará, a igreja paroquial (consagrada a São Lourenço<sup>6</sup>), a ermida (do Espírito

Santo<sup>7</sup>), o rossio, a fonte, ou poço e as covas, por exemplo, aparece documentado arquivisticamente desde os inícios do século XIV.

Para o século XV são destacados, a estada de D. Duarte numa quinta em Carnide (1437-1438), o início da procissão do Círio do Cabo à Ermida do Espírito Santo (1437), o milagre de Nossa Senhora da Luz (1463), a construção da respetiva ermida e o começo das peregrinações ao local (1464).

Se história de Carnide no século XVI é ocupada com a fundação e construção, por iniciativa da Infanta D<sup>a</sup>. Maria (filha de D. Manuel I), do Templo da Luz

<sup>5</sup> ANTT, *S. Vic. Fora*, m. 3, n.º36.

<sup>6</sup> A Igreja de São Lourenço de Carnide aparece referida em documentação datada de 1321, o que dificulta a aceitação da tradição de alguma vez, anteriormente à consagração a esse santo, ter tido como orago Nossa Senhora da Assunção, ou Santo Amaro (sobre este assunto ver, por exemplo, Araújo, 1977, 54; Lázaro, 2014 e Moita, 2000b).

<sup>7</sup> A documentação mais antiga que refere a igreja de São Lourenço de Carnide, datada de 1321, refere também uma ermida que lhe estava anexa. Consensualmente tem sido aceite pela bibliografia respeitante a Carnide que essa ermida era a velha ermida do Espírito Santo (que até meados do século XIX se situava no lado nascente do Largo do Coreto) e que possuiria anexa uma gafaria (Araújo, 1977, 54 e 64; Carvalho, 2021). A existência da gafaria, contudo, é bastante problemática e os trabalhos historiográficos sobre a assistência a leprosos em Portugal, ou mais especificamente na região de Lisboa, nunca a referem (ver por exemplo, Correia, 1941, 10-11; Nóvoa, 2010, 74-80).

(1575-1596), o século XVII é tratado através da história da construção e instalação do Hospital da Luz (1601-1618), do Convento de Santa Teresa de Jesus, a partir de 1642, do Convento de São João da Cruz, a partir de 1681) e do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Luz, a partir de 1694 (Araújo 1977; Moita 2000c; Gonçalves 1994b; Sucena, 1994). A este século, ainda, consegue remontar-se a história de algumas das quintas de Carnide (e famílias proprietárias) que chegaram, embora muitas vezes com outros nomes, aos inícios do século XX (Gonçalves, 1994a; Moita, 2000d; 2000e; 2000f; 2000g).

O século XVIII é marcado, também na historiografia de Carnide, pelo Terramoto de 1755 e os seus efeitos que aparecem sumariamente descritos na folha nº 109 do *Livro 3º de Óbitos da Freguezia de Carnide*:<sup>8</sup>. Dessa devastação, nas “Memórias Paroquiais”, o Cura Manoel José Nunes Tavares, a 21 de Abril de 1758, dá conta de que apenas terão resistido a Ermida do Espírito Santo e, parcialmente, os edifícios conventuais de Santa Teresa de Jesus e de São João da Cruz (Portugal e Matos, 1974, 47-55). A reconstrução é assunto quase não tratado pela bibliografia, excetuando quando diz respeito às casas conventuais, às igrejas e a algumas (poucas) moradas de nobreza.

No século XIX, Carnide é descrito como uma aldeia bucólica, onde se vão construindo os chalés de lisboetas abastados, que para aí se deslocam para gozar os “bons ares” e a tranquilidade nos seus períodos de descanso<sup>9</sup>. Uma efémera Câmara Municipal de Belém ocupar-se-á, na segunda metade do século XIX, com os arranjos urbanísticos. No Alto do Poço, ou Passeio do Espírito Santo, a demolição da ermida (1858), a trasladação do cemitério dessa ermida para o recém-criado cemitério de Benfica (1869). Grandes terraplanagens transformam esse ponto mais alto da aldeia numa plataforma que é atualmente o Largo do Coreto e permitem o alargamento e planificação da antiga Rua Direita à Luz (atualmente Rua Neves Costa) e da paralela Estrada do Machado (1860), assim como a transformação do Terreiro da Luz (desde o século XVI,

pelo menos, um chão de feira), num Largo da Luz ajardinado e com ponto de água (1862).

Quase ainda não incluído no discurso historiográfico sobre Carnide, o século XX, assiste à instalação das linhas para o carril do elétrico nº13, à construção de infraestruturas de saneamento de distribuição de água, eletricidade e gás, não esquecendo o enorme desenvolvimento urbanístico verificado a partir da segunda metade do século quase fazendo desaparecer o ambiente rural que caracterizou a freguesia e que ainda era uma realidade aquando do levantamento, sob a direção de J. A. da Silva Pinto e A. Sá Correia, para a *Planta Topográfica de Lisboa* de 1908 (Figura 2).

Estando a documentação arquivística respeitante ao sítio de Carnide deficientemente explorada, parece compreensível que os mais recentes contributos para a evolução da história do sítio resultem da atividade arqueológica.

### 3. A INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA SOBRE CARNIDE

Os primeiros vestígios arqueológicos encontrados em Carnide reportam-se aos inícios do século XX. Em 1908, durante os trabalhos de renovação de calçada no Alto do Poço, foram identificadas “duas covas” (Pereira, 1010, 189-190). Mais tarde, em 1926, durante a construção de um coletor, algures em Carnide, foram identificados mais 12 silos cuja descoberta mereceu referência na sessão de câmara de 9 de setembro de 1926 e uma pequena notícia no jornal *O Século* do dia seguinte.<sup>10</sup>

Podem referir-se ainda, por exemplo, os vestígios encontrados no subsolo de “Payam” (que confinava a Oeste com o sítio de Carnide), divulgados em 1914: “moedas, telha, tijolo de construção e objetos de uso doméstico que os árabes deixaram...” (Pereira, 1914 – 1916 [1914], 169).

Desde os finais do século XX, intervenções arqueológicas desenvolvidas no centro histórico de Carnide permitiram identificar e escavar contextos antigos que remetem para uma provável ocupação do território desde a pré-história recente, o que não se estranha numa paisagem caracterizada por solos férteis, adequados ao desenvolvimento de uma economia agrícola. No edifício do Largo da Praça nº 7, por exemplo, foi recolhido, descontextualizado, um artefacto pré-histórico, identificado como um ídolo de cornos do período Calcolítico (Cardoso e Monteiro, 2008b, 7).

<sup>8</sup> “Em o primeiro dia do mes de Novembro de mil setecentos e sincoenta e sinco ouve hu terremoto notável em que se demolirão a mayor parte das casas deste logar de Carnyde” (Sousa, 1923, 788-789).

<sup>9</sup> Foi de uma situação dessa natureza em 1898 que resultou, por exemplo, “O Lindo Sítio de Carnide” e “Notícias de Carnide” de Gabriel Pereira (Pereira, 1910, 54-84 e 87-146).

<sup>10</sup> *O Século*, sexta-feira, 10-9-1926, na página 2.



Figura 2 – Planta Topográfica de Lisboa: Plantas 5Q e 6Q à escala 1:1000, de 1908. CML [Fonte: <https://website.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LXInterativa.LXi>].

Os três monumentos funerários romanos, as cupas, integradas em cunhais de edifícios no Largo da Praça (Cardoso e Gonzalez, 2008a, 6) e o fragmento da ara reutilizado como material de construção, encontrado na Rua Neves Costa nº 84-85 (Cuesta Gomez e Prata, 2017), entre outros achados da mesma cronologia e na mesma área (Batalha, Monteiro e Cardoso, 2020) indiciam a ocupação de Carnide em época romana.

Uma pequena área cemiterial foi registada em 2011, sob os imóveis Rua da Fonte 39-57/ Rua Maria Brown, onde: “A análise do modo e tipologia dos enterramentos – homogeneidade na orientação cardeal, deposição do corpo, ausência de material votivo associado às sepulturas – sugere que nos encontramos perante situações de ritual funerário islâmico e, por consequência, que os indivíduos recuperados viveram durante a Idade Média, provavelmente durante o período de domínio muçulmano da região de Lisboa (séculos VIII a XII). [...] Os enterramentos identificados partilham quase todas as características com outras necrópoles islâmicas da Península Ibérica, nomeadamente a orientação SO-NE que no al-Andalus, assegura um alinhamento escrupuloso com a Quibla (ou seja, Meca). Esta solução canónica não é, contudo, universal em contextos funerários islâmicos peninsulares” (Curate, Monteiro e Pereira, 2016, 101).

Os períodos mais registados arqueologicamente em Carnide são, no entanto, o Medieval Cristão e o Moderno. E neste âmbito destacam-se, as estruturas que primeiro foram mencionadas na bibliografia dos inícios do século XX, que também são referidas nas fontes arquivísticas medievais cristãs: as covas de pão. É o caso dos seis silos, museologicamente integrados, no Largo do Jogo de Bola (Diogo e Vital, 1998, 49-52), de um re-

gistado na Rua das Parreiras 20-22<sup>11</sup> e de outro na chamada Casa Portela Santos na Rua Neves Costa, 59-63 / Rua do Machado, 38A<sup>12</sup> (Monteiro e António, 2013).

A toda esta informação arqueológica acrescem os resultados da intervenção arqueológica desenvolvida no âmbito do Projeto de Requalificação Urbanística e Paisagística do Largo do Coreto, entre 2012 e 2013 (LCOR12), conjugados com os da intervenção arqueológica sua contemporânea na mesma área que decorreu no âmbito da instalação de infraestruturas da CME (Rosa, 2013).

A intervenção arqueológica realizada no âmbito do Projeto de Requalificação Urbanística e Paisagística do Largo do Coreto e Envolvente permitiu a identificação de várias realidades arqueológicas cuja interpretação tem vindo a ser divulgada de modo a contribuir para a atualização do discurso historiográfico a respeito de Carnide (Caessa e Mota, 2013, pp. 1025-1032; Caessa e Mota, 2014, pp.83-104; Caessa e Mota, 2016, pp. 96-107, Garcia, Caessa e Mota, 2022, Caessa e Mota, 2023).

O que primeiro se registou em toda a área abrangida pelo projeto de requalificação foi uma terraplanagem muito bem marcada arqueologicamente numa interface de destruição de todas as estruturas e depósitos e no corte do substrato geológico, sempre sensivelmente à mesma cota, depois coberto com ater-

<sup>11</sup> Intervenção arqueológica realizada em 2017, sob a responsabilidade da Neoépica – Arqueologia e Património (<https://www.neoepica.pt/index.php/component/k2/item/848-rua-das-parreiras-n%C2%BA-20-22-carnide-lisboa>)

<sup>12</sup> Neste último local e no edifício onde esteve sedeada uma Fábrica de Papel (Rua do Machado, 47), foram também identificados escassos vestígios de outras estruturas, com cronologias que vão do século XV ao XIX (Ferreira, 2000; Ramos, 2000).

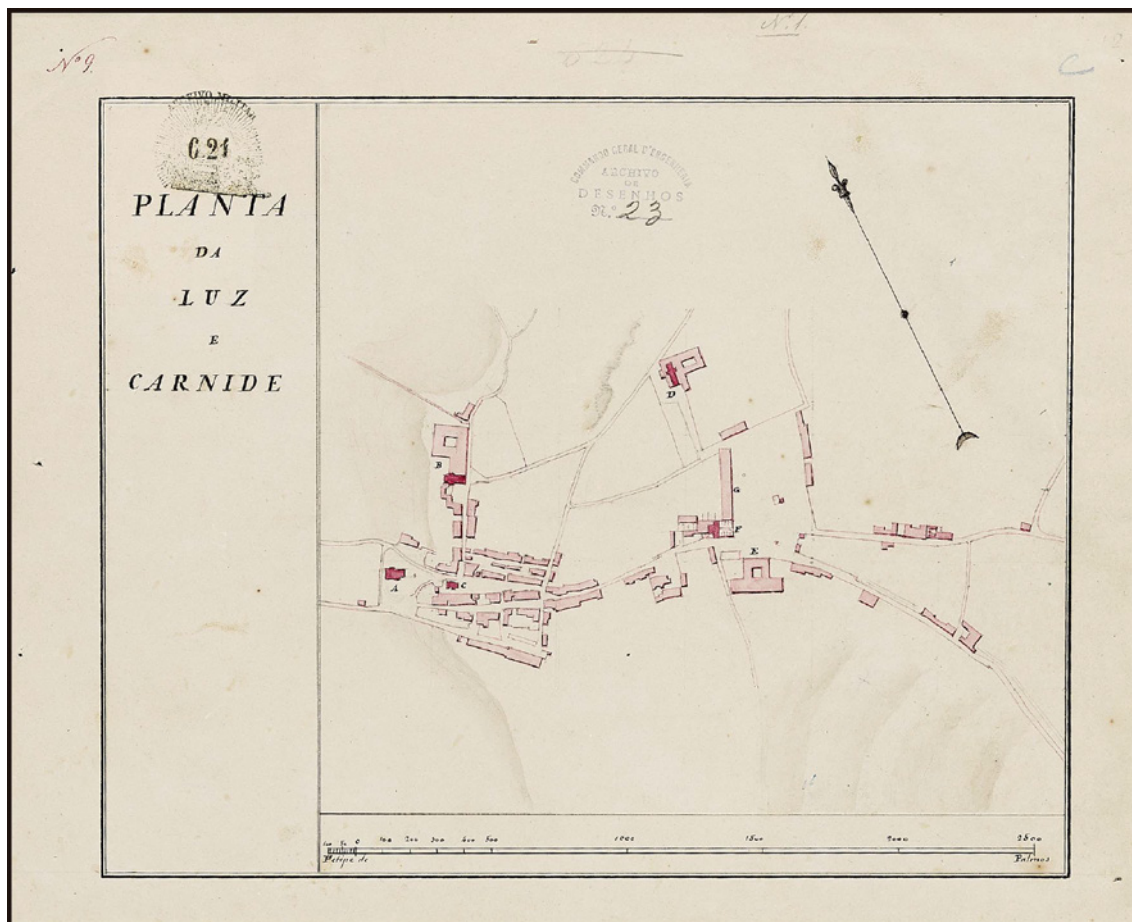


Figura 3 – *Planta da Luz e Carnide* (1827) - Coleção Carta topográfica dos subúrbios de Lisboa (Maximiano José da Serra). Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar. [Fonte: PT-GEAEM/DIE-2322-2-16-20].

ros recentes. Este fenómeno corresponde ao arranjo urbanístico implementado pela Câmara Municipal de Belém, decidido em 1860, que transformou o Alto do Poço, então um promontório, num largo, plano, rodeado por ruas menos íngremes e mais largas.

O poço que explicará o topónimo, em alvenaria, com planta circular, de origens desconhecidas e tamponado na primeira metade do século XX, também se registou a meio do largo.

A Noroeste do largo, foi identificado o que restou de um alicerce da Ermida do Espírito Santo, ainda assinalada na cartografia da primeira metade do século XIX (Figura 3) e cuja existência explicava o outro topónimo pelo qual era conhecido o Alto do Poço, Passeio do Espírito Santo. Perante o seu estado de abandono, a Câmara Municipal de Belém resolveu, no quadro das suas competências legais, em Setembro de 1858, a demolição do imóvel e a trasladação dos enterramen-

tos do seu cemitério para vala comum do cemitério da Igreja de São Lourenço. Neste enquadramento não foi inesperada a deteção durante a intervenção arqueológica, junto ao alicerce da Ermida do Espírito Santo e para Sul, de restos mortais que permaneceram desse antigo cemitério (Garcia, Caessa e Mota, 2022).

Porém, o que mais se destaca nesta intervenção arqueológica é o registo de 100 silos no Largo do Coreto e na Rua Neves Costa (Figura 4), 16 silos na Rua do Machado, 11 silos na Travessa do Jogo da Bola, ou seja, registaram-se ao todo 127 silos, dos quais 71 foram escavados (Figura 5). Somando os 29 identificados nos mesmos locais pelos acompanhamentos da equipa da CME<sup>13</sup>, os 6 silos musealizados no Largo do Jogo da

<sup>13</sup> Nem todos constantes do relatório final da respetiva intervenção arqueológica, que relata apenas a segunda fase sob a direção de outro arqueólogo (Rosa, 2003).



Figura 4 – Aspeto do topo dos silos após a decapagem de uma vala (Sondagem 24) para a instalação de infraestruturas de saneamento, no Largo do Coreto.

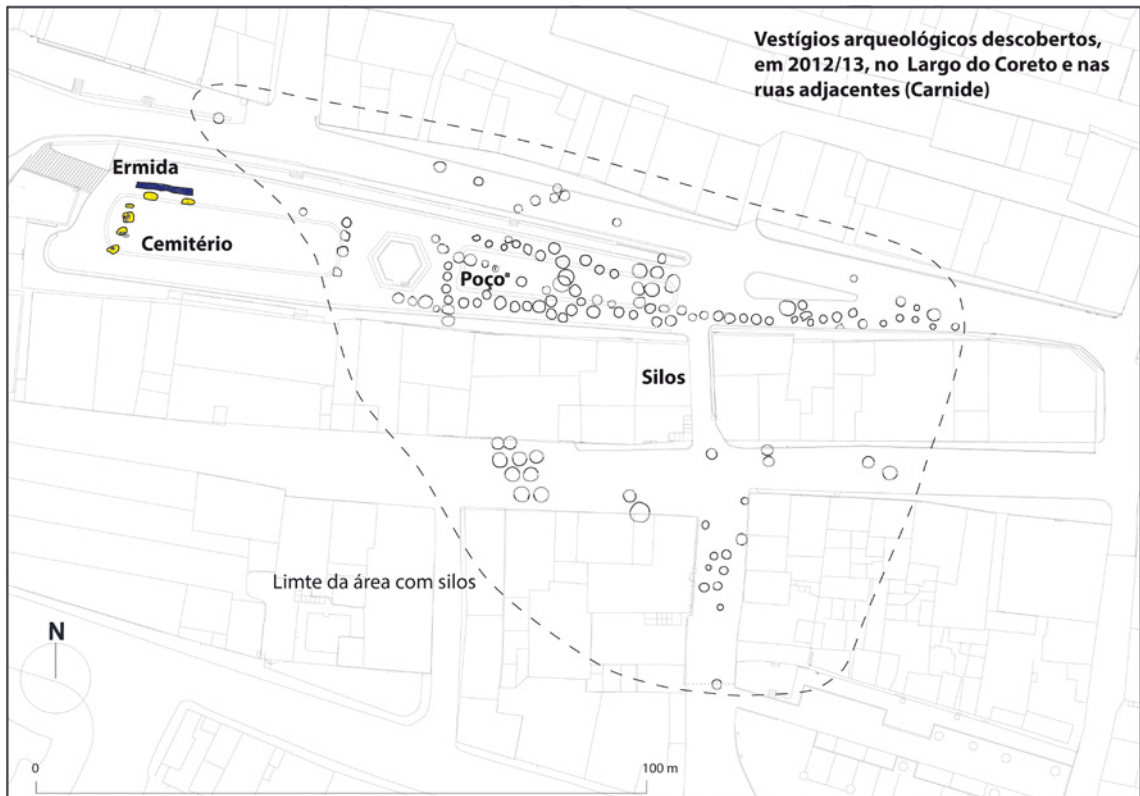


Figura 5 – Implantação dos vestígios arqueológicos descobertos no Largo do Coreto e ruas adjacentes.

Bola (Diogo e Vital, 1998), o que foi intervencionado no interior da chamada Casa Portela Santos (Monteiro e António, 2013) e aquele escavado na Rua das Parreiras nº 20-22<sup>14</sup>, contabiliza-se o total de 164 silos registados arqueologicamente até ao momento<sup>15</sup>.

#### 4. UM TERREIRO DE SILOS EM CARNIDE

A quantidade de silos registados arqueologicamente em Carnide convida a uma reflexão global destas estruturas nesse território.

Essa análise beneficia do resultado da investigação histórica e arqueológica realizada, sobretudo a partir de meados do século XX sobre a temática dos silos e mais recentemente enriquecida com estudos de Etnoarqueologia e Arqueologia Experimental, conjugados com a investigação no domínio da Agronomia (por exemplo, Miret i Mestre 2005, 2006, e 2008; Ollich *et al*, 2012). Os resultados desses trabalhos promoveram novas abordagens que reconheceram os silos para armazenamento (sobretudo) de cereais como a realidade arqueológica mais presente no registo arqueológico de época medieval e moderna. Assim os silos tornaram-se fonte material privilegiada para a compreensão das dinâmicas de ocupação e uso dos espaços rurais (de produção, transformação, armazenamento e habitação), das capacidades produtivas de uma região e das relações e diferenças socioeconómicas das respetivas populações. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se critérios metodológicos capazes de levar em consideração o valor da representatividade dessas estruturas de armazenamento num contexto bem mais amplo de muitas outras que, tendo existido contemporaneamente, raramente integram o registo arqueológico, pelo menos de forma clara (por exemplo, Blanchi e Quirós Castillo, 2013; Gelichi, 2013; Peytremann, 2013; Quirós Castillo, 2013; Vigil-Escalera, 2013).

Segundo todos os estudos, a mancha de distribuição de silos está diretamente relacionada com as características do terreno. Por um lado, o substrato geológico margoso, tem sido considerado o mais adequado (desde que não permeável) para a escavação

de silos, a seguir à raríssima escavação em rocha dura, pela dificuldade e morosidade do processo. Por outro lado, a topografia elevada e acidentada tem sido apontada como espaço preferencial para a sua localização (sobretudo quando os silos não estão diretamente associados a habitações ou dependências agrícolas construídas) por proporcionar áreas mais secas, possuidoras de pendentes acentuadas para que as águas das chuvas escorram antes de se poderem infiltrar e por serem mais bem ventiladas (Miret i Mestre 2005, 2006 e 2008).

Em Carnide, os silos têm sido, sempre, registados numa área que cumpre os requisitos enunciados: um ponto elevado e bem ventilado com um substrato geológico adequado, tendo sido possível detetar os limites Oeste e Este do espaço ocupado com silos: a Oeste do largo, a construção dos silos foi aparentemente condicionada pela presença de um substrato mais endurecido e com várias intercalações de calcários brancos, compactos e difíceis de escavar; a Este, foi limitada pelo substrato argiloso e poroso, também pouco adequado à instalação destas estruturas subterâneas (Figura 6).

A estas características de natureza geológica e topográfica junta-se, segundo a bibliografia especializada (como Miret i Mestre, 2005, 2006 e 2008), a aptidão agrícola na envolvente, diretamente relacionada com a disponibilidade de água. A existência de linhas de água garantindo a possibilidade de produção agrícola em Carnide está atestada em documentação de fins do século XV com adições em meados do século XVI (Azevedo, 1905, 9-10 e 32), registando-se a referência a canos, rego, ribeiro, rio, estas últimas designações, por vezes, acrescidas da indicação “do Bom Nome”<sup>16</sup>. Ou seja, por essa altura ainda correriam à superfície, linhas de água de leito variável, na área que é hoje o centro histórico de Carnide, algumas talvez já reconduzidas e regularizadas como se depreende da referência aos canos. Tudo leva a crer que o abundante regime hídrico, essencial à produção agrícola e cerealífera, convivia territorialmente e sem intromissão com os silos.

Em termos económicos, já foi reconhecida a regularidade da organização do espaço agrícola em torno de Lisboa, com a circunvizinhança da cidade ocupada pelas pequenas propriedades hortícolas, depois pela cultura da vinha e da oliveira e nas zonas mais perifé-

<sup>14</sup> Intervenção arqueológica realizada em 2017, sob a responsabilidade da Neoépica – Arqueologia e Património, divulgada no seu *site* [www.neoepica.pt](http://www.neoepica.pt).

<sup>15</sup> Nesta contagem não estão incluídos os 14 silos referidos na bibliografia, encontrados no início do século XX, cuja localização precisa é desconhecida, tornando impossível perceber se correspondem a algum dos que foram registados arqueologicamente, já no século XXI.

<sup>16</sup> Sendo que ainda existe o que resta da Quinta do Bom Nome cuja habitação nobre se situa dentro de muros na Estrada da Correia na confluência com a Azinhaga do Poço do Chão, bem próxima, mas em cota bastante inferior ao atual Largo do Coreto.

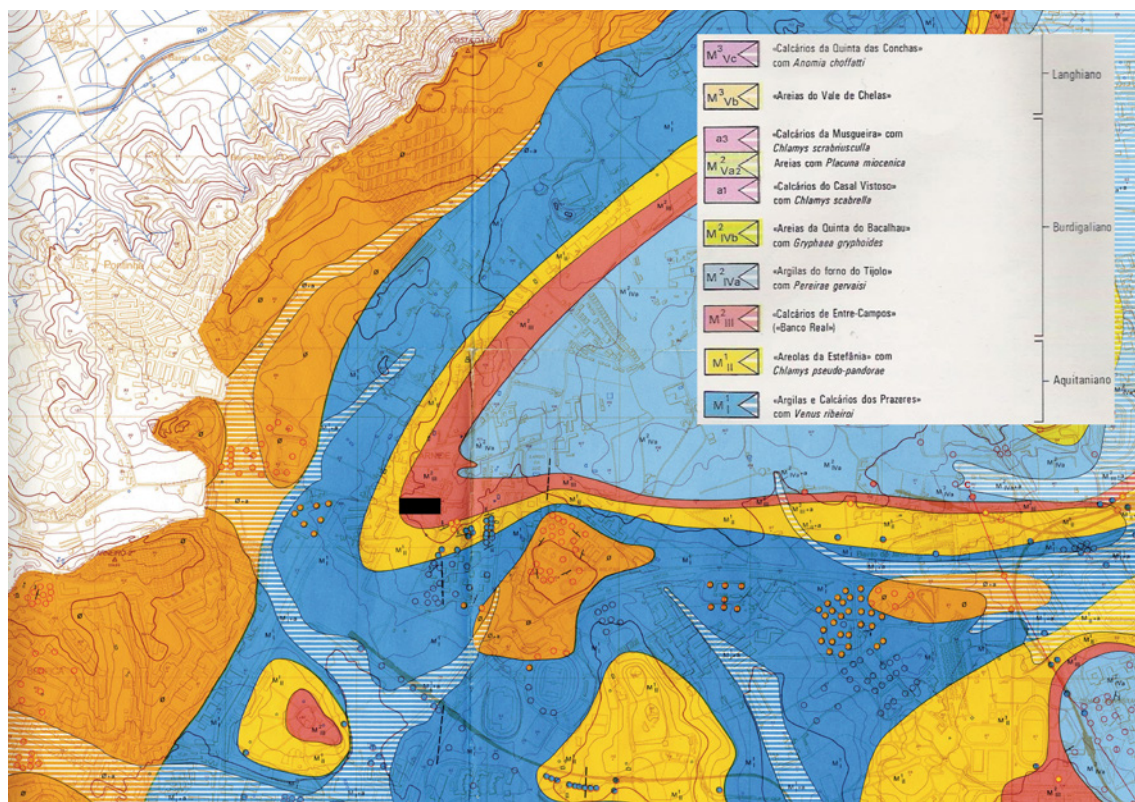


Figura 6 – Excerto da carta geológica de ALMEIDA, F. M. (1986) – Carta Geológica do Concelho de Lisboa, Folha 1, na Escala 1:10 000. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal. A área dos silos está faixa correspondente aos “Calcários de Entrecampos (Banco Real)” e às “Arealas da Quinta do Bacalhau”, ladeada, a Oeste, pelas “Argilas e Calcários dos Prazeres” e, a Este, pelas “Argila do Forno do Tijolo”.

ricas pelos casais, as herdades e as granjas, onde a produção era destinada não só ao consumo local, mas sobretudo ao mercado (Trindade e Gaspar, 1973-1974). No caso específico de Carnide, está atestada a existência, a partir de finais do século XII, de herdades, vinhas e casais<sup>17</sup>. De acordo com a documentação, a partir do século XIII, a paisagem inicia um processo de transformação do espaço em courelas, como parece indicar o chamado “foral de Carnide” de 1259<sup>18</sup>. O fenómeno de divisão do espaço rural mantém-se nos séculos seguintes com a ocorrência cada vez mais frequente das palavras “courela”, “quinta”, “seara”, “vinha”, “olival”,

<sup>17</sup> Como demonstram os sumários da documentação dos Mosteiros de São Vicente de Fora e de Santa Maria de Chelas (grandes proprietários na região), disponíveis para consulta em versão manuscrita na Sala de Referência do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Entre outros: ANTT, *S. Vic. Fora.*, m. 1, nº 8; ANTT, *S. Vic. Fora.*, m. 1, nº 9; ANTT, *S. Vic. Fora.*, m. 1, nº 203; ANTT *S. Vic. Fora.*, liv. 121, fl.18, doc.1.

<sup>18</sup> ANTT, *S. Vic. Fora.*, m. 3, nº 36.

mas também, “lagares”, “moinhos”, “cubas”, “tonéis”, “tinas”, “adegas” e “covas de pam”<sup>19</sup>. As covas, ou silos, de Carnide destinadas ao armazenamento do excedente cerealífero eram conhecidas pela eficácia na preservação de grão por vários anos (Marques, 1968, 119).

O mercado principal da produção cerealífera de Carnide, seria Lisboa, onde o défice crónico de cereais obrigava à permanente tomada de medidas régias e municipais que garantissem o abastecimento e distribuição desses bens essenciais na dieta medieval e moderna (Gonçalves, 2019).

Os silos registados pela atividade arqueológica em Carnide serão apenas alguns dos muitos mais que existiram e terão sido destruídos sem deixar qualquer vestígio e daqueles que permanecem no subsolo por registar, uma vez que não foi feita, em nenhuma das in-

<sup>19</sup> De acordo com os sumários da documentação do Mosteiro de São Vicente de Fora, e do Mosteiro de Chelas. Por exemplo: ANTT, *S. Vic. Fora.*, cx. 13, nº 21; ANTT, *Chellas*, nº395; ANTT, *Chellas*, nº335; ANTT, *Chellas*, nº400.

tervenções, uma escavação em área, nem os trabalhos de decapagem contemplaram toda a área abrangida pelo projeto de requalificação.

A planta dos silos realizada em resultado da intervenção LCOR12<sup>20</sup> é amostra suficiente para deixar supor uma muito mais elevada densidade de silos naquele espaço. Essa densidade de silos torna improvável a existência de outras estruturas no local, (nomeadamente edificado habitacional) que não as necessárias à própria utilização dos silos: caminhos por onde fosse possível a passagem de cargas de cereal, espaços funcionais necessários ao uso dos silos e talvez construções precárias e telheiros que protegessem os silos das intempéries.

Tudo parece indicar que em Carnide existiu, no espaço que é presentemente o Largo do Coreto e ruas envolventes a Norte e a Sul, um “terreiro de silos”, no qual estas estruturas subterrâneas ocupavam de forma densa uma área com uma dimensão que apenas pode ser estimada e cujos limites foram já identificados a Nascente e a Poente. Esta organização dos silos no território, tem paralelos arqueológicos e etnográficos, mas é menos frequente do que os conjuntos (habitualmente mais pequenos) de silos construídos no interior de habitações ou de dependências agrícolas, junto às suas fachadas, ou nos respetivos pátios, ou então dos silos dispersos pelas parcelas agrícolas, junto às eiras, ou alinhando-se em bateria, ao longo dos caminhos que rodeavam as propriedades (Blanchi *et alii*, 2013; Gelichi, 2013; Ollich *et alii*, 2013; Miret i Mestre 2005, 2006 e 2008; Peitremán, 2013; Vigil-Escalera, 2013 e no caso português em particular, entre outros: Cuesta Gomez, Prata *et alii*, 2021; Martins, Neves *et alii*, 2010; Rosa, 2019). Um terreiro de silos a céu aberto com cronologia semelhante ao de Carnide parece ser a realidade arqueológica identificada em Alcoberbas, Campo Maior (Paço, 1959) e em Guimarães (Cosme, 2012), embora o número de silos registado nestes locais não ultrapasse a meia centena.

Chegaram ao século XXI, alguns ainda em uso em meados do século XX, “terreiros de silos” em Itália, na ilha de Malta e em Espanha, por exemplo. Nalguns casos, como em Floriana ou em La Valletta, na ilha de Malta (Dandria, 2010), ou em Burjassot, Valencia, em Espanha (Esposito Navarro, 2005), correspondendo a uma gestão pública do espaço e das operações de armazenamento das reservas de cereal, numa versão

<sup>20</sup> Mesmo não integrando os resultados das outras intervenções arqueológicas incluindo aquela realizada no âmbito dos trabalhos da CME.

monumentalizada, de época moderna, em que o terreiro é uma praça pavimentada, onde as entradas para os silos não passam despercebidas e as estruturas subterrâneas são autênticas construções em alvenaria e cantaria. Mas noutros casos, como em Itália, na região que em época moderna era conhecida como La Capitanata (área que corresponde, *grosso modo*, à Apúlia), permanecem como memória histórica a preservar alguns terreiros não pavimentados e abertos ao trânsito quotidiano, onde os silos (referidos arquivisticamente desde os inícios do século XIII e cujo número ultrapassa as cinco centenas), bem como a sua propriedade, são assinaladas através de simples marcos em pedra. Estes terreiros, como o *Piano delle Fosse Granarie di San Severo*, em San Severo<sup>21</sup> (Figura 7) ou o *Piano delle Fosse del Grano di San Rocco* em Cerignola, em Foggia<sup>22</sup> (Figuras 8 e 9), são provavelmente uma realidade semelhante ao que foi o terreiro de silos que existiu em Carnide.

Quase todos os silos registados em Carnide estavam cortados pela terraplanagem de meados do século XIX e por valas de infraestruturas construídas ao longo do século XX, mas alguns, estavam truncados pelas fachadas do casario ou muros considerados antigos. Ou seja, a mancha de distribuição dos silos não é conciliável com o que é atualmente o urbanismo do centro histórico de Carnide, incluindo o traçado das artérias mais antigas, tradicionalmente considerado de origem medieval,<sup>23</sup> No entanto, a mancha de distribuição dos silos é, compatível com a implantação no local das únicas estruturas existentes com origem medieval segura: a Ermida do Espírito Santo (e até o seu cemitério mais tardio) e a Igreja de São Lourenço.

Não existem dados arqueológicos para a fase de construção e início da utilização original dos silos registados em Carnide, mas as fontes documentais arquivísticas referem, desde os inícios do século XIV até pelo menos aos inícios do século XVI, as “covas”, ou as “covas de pam”, ou o “pam encovado” de Carnide (Azevedo, 1905). Fica, portanto, claro que, pelo menos, desde essa altura se construíram e utilizaram silos em Carnide para armazenar cereal.

<sup>21</sup> [https://www.darapri.it/approfondimenti/il\\_piano\\_delle\\_fosse\\_granarie](https://www.darapri.it/approfondimenti/il_piano_delle_fosse_granarie) (acedido em Maio de 2025).

<sup>22</sup> [https://it.wikipedia.org/wiki/Piano\\_delle\\_Fosse\\_del\\_Grano/](https://it.wikipedia.org/wiki/Piano_delle_Fosse_del_Grano/) (acedido em Maio de 2025).

<sup>23</sup> Como a Rua do Machado, por exemplo, que ainda assim só é referida documentalmente em meados do século XVI, numa época em que os silos começavam a ser abandonados na sua função de celeiros subterrâneos.



Figura 7 – Terreiro de silos e mercado de gado, no *Piano delle Fosse Granarie di San Severo*, Foggia, Itália. Feira de San Pietro (San Severo, Foggia, Itália). Postal de 1920 [Fonte: [www.darapi.it/approfondimenti/il\\_piano\\_delle\\_fosse\\_granarie/](http://www.darapi.it/approfondimenti/il_piano_delle_fosse_granarie/)] (acedido em Maio de 2025).



Figura 8 – Silos com aberturas delimitadas à superfície e identificados com marcos de propriedade no *Piano San Rocco* ou *Piano delle Fosse Granarie*, em Cerignola, Foggia, Itália [Fonte: [https://it.wikipedia.org/wiki/piano\\_delle\\_Fosse\\_del\\_Grano/](https://it.wikipedia.org/wiki/piano_delle_Fosse_del_Grano/) acedido em Maio de 2025].



Figura 9 – Vista aérea do *Piano San Rocco* ou *Piano delle Fosse Granarie*, em Cerignola, Foggia, Itália (património cultural classificado desde 1982) [Fonte: [https://it.wikipedia.org/wiki/piano\\_delle\\_Fosse\\_del\\_Grano/](https://it.wikipedia.org/wiki/piano_delle_Fosse_del_Grano/), acedido em Maio de 2025].

O que se tem publicado sobre o uso do armazenamento em silos subterrâneos ao longo do tempo desde o Neolítico, com o longo interregno correspondente ao período romano<sup>24</sup>, conjugado com a diacronia do que se sabe sobre a ocupação humana em Carnide, pode permitir que se coloque a hipótese de que se tenha recorrido ao uso de silos também em época islâmica, mas não existe qualquer prova documental arquivística ou arqueológica que a sustente.

Não fossem a grande quantidade e densidade de casos registados e as referências à sua existência e função, na documentação medieval, o estado de conservação de alguns exemplares poderia dificultar a sua identificação como silo, sobretudo naqueles exemplares em que as estruturas se situavam em local onde a cota da superfície original foi mais afetada pelas terraplanagens. É devido a estas dificuldades de interpretação que desde os finais do século XX têm vindo a ser desenvolvidos esforços para reunir critérios que orientem os arqueólogos, face ao estado de conservação, a distinguir silos de outras estruturas escavadas no subsolo. Os estudos agronómicos, etnográficos e arqueológicos têm vindo a concluir que os silos que apresentam morfologias troncocónicas, ovoides ou em forma de garrafa servem para armazenar cereais. Também podem ser cilíndricos, mas essa forma é partilhada com outros tipos de buracos (Miret i Mestre, 2005, 350).

No caso de Carnide, o estado de conservação geral dos silos é relativamente bom, mas nenhum preservou as aberturas intactas ou integralmente perceptíveis ao nível da sua secção. Esta circunstância resultou numa amostra numerosa, mas com elementos truncados, o que anula a possibilidade de uma análise quantitativa rigorosa com vista à criação de uma tipologia específica para estas estruturas subterrâneas. Não obstante estas condicionantes de estudo, é possível fazer uma apreciação qualitativa do conjunto e dos seus elementos no que respeita à sua construção e morfologia geral.

Os silos de Carnide apresentam características formais comuns às demais construções deste tipo. São estruturas profundas de planta circular e perfis que podem ser descritos como globulares, em forma de saco, de matraz ou de garrafa, formas comuns desde época alto-medieval (Vigil-Escalera, 2013,129).

---

<sup>24</sup> Muito embora ausentes do registo arqueológico em contexto de época romana, a verdade é que a existência de silos (para armazenamento de grãos e até de espigas) escavados no subsolo da Hispânia, é referida por autores antigos como Pomónio Mela e Plínio (Garcia y Bellido, 1947, 174 e 269).

Na bibliografia são habitualmente usados termos próprios da geometria para descrever a morfologia dos silos. Apesar do seu uso generalizado por diversos investigadores para a criação de uma tipificação operacional e comparativa, não existe uma norma ou protocolo padronizado e consensualmente seguido pela comunidade científica. Esse tipo de terminologia, embora legítima, dificilmente se aproximará das operações técnicas e mentais que estariam por detrás dos aspetos utilitários associados à construção dos silos e à ensilagem.

Na realidade, independentemente das questões morfológicas, o sistema de armazenagem de cereais em silo subterrâneo conviveu sempre com outros sistemas referidos em documentação arquivística, cujo registo arqueológico é difícil e, portanto, muito raro: os edifícios em cota positiva (celeiros), os recipientes em cerâmica (talhas), em madeira (arcas), em fibras vegetais (cestas) e têxteis (sacas). Estes sistemas eram menos adequados ao armazenamento de longa duração de reservas cereais para períodos de carestia ou para especulação comercial e mais vocacionados para a armazenagem de curta duração e para distribuição e consumo quotidiano. Já a utilização de silos subterrâneos apresentava vantagens para a armazenagem de longa duração e desvantagens para os armazenamentos de curta duração, nomeadamente a perda da eficácia conseguida pelo ambiente interior (ver por exemplo: Chocarro et alii, 2013; Ollich et alii, 2013; Miret i Mestre 2005, 2006 e 2008).

Nesta ordem de ideias não será descabido colocar a hipótese de as formas dos silos (elipsóidais, ovoides, cónicas, piriformes, etc.) replicarem formas de recipientes/ contentores usados quotidianamente para armazenamento de produtos agrícolas, cuja morfologia fosse possível reproduzir no subsolo.

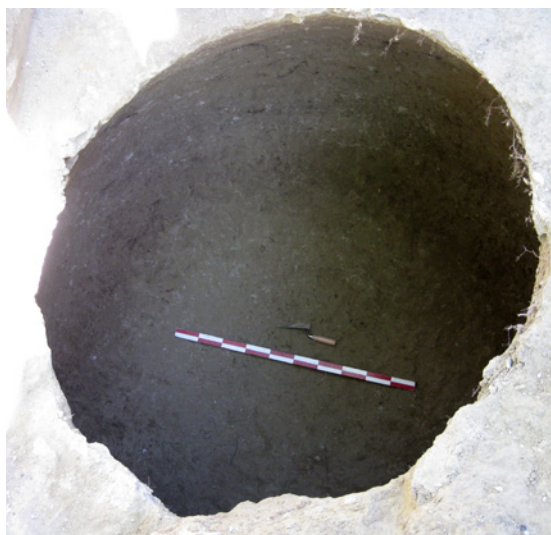
Seguindo este raciocínio, no caso dos silos de Carnide foram identificadas formas associadas a “talha” (Figura 10), para o “barril” (Figura 11) e para a “saca” (Figura 12). Estas designações associadas a objetos concretos estão certamente mais próximas das realidades dos construtores e utilizadores dos silos e não obstam à sua caracterização/ tipificação geométrica. A forma de “talha” caracteriza-se pelo seu formato globular alongado e um fundo estreito com quebra de base e ressalto convexo. Habitualmente esta forma é associada ao perfil de “garrafa”, mas será, preferível, confusões semânticas à parte, a nomenclatura funcional atribuível a um contentor de grande dimensão. O tipo “barril” diferencia-se pela forma tendencialmente cupiforme, com fundo largo e uma quebra de base com ressalto côncavo. A “saca” apresenta um



Figura 10 – Aspecto de um silo de Carnide com o fundo do tipo “Talha”. Ainda continha no seu interior a tampa em pedra (Sondagem 42, Ambiente III).



Figuras 11 – Aspecto de um silo de Carnide com o fundo do tipo “Barril” (Sondagem 24, Ambiente X).



Figuras 12 – Aspecto de um silo de Carnide com o fundo do tipo “Saca” (Sondagem 24, Ambiente IV).

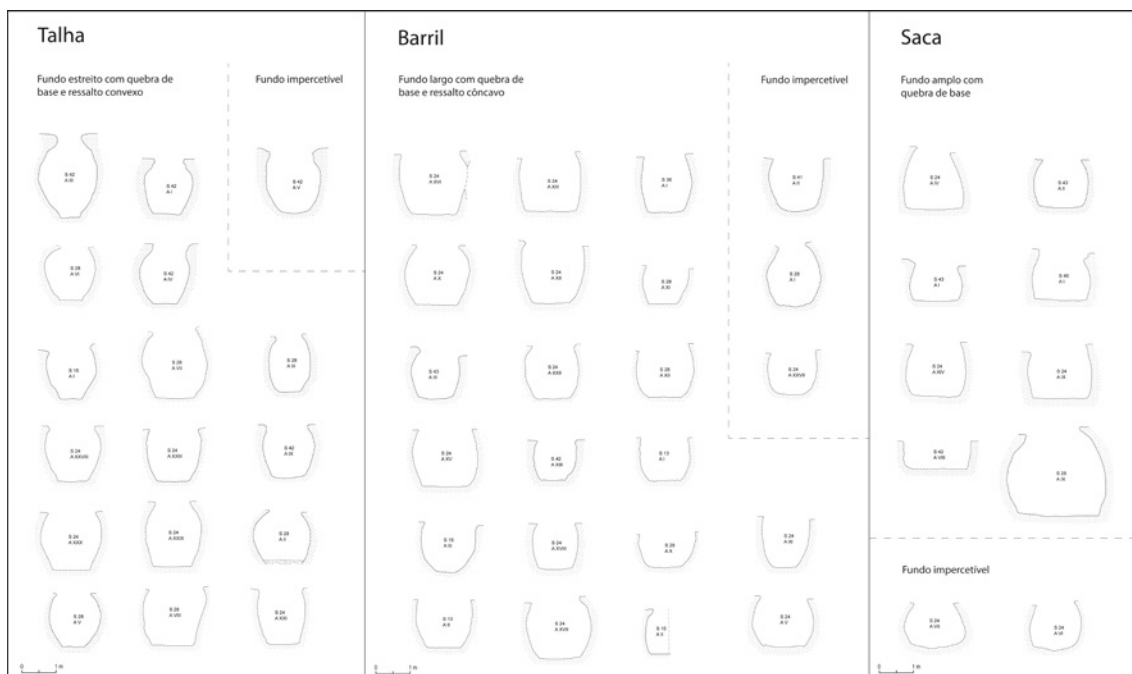


Figura 13 – Proposta de caracterização tipológica dos silos de Carnide: Talha, Barril e Saca.

perfil tendencialmente trapezoidal, com o fundo amplo e quebra de base simples (Figura 13).

Do uso primário dos silos foram registadas dezenas de tampas em pedra com formato circular ou quadrangular, claramente talhadas para esse uso específico, mas também mós reaproveitadas, tal como é normalmente identificado noutros locais. Outros tipos de elementos pétreos, como por exemplo, marcos de propriedade, ou afins, associáveis às estruturas subterâneas de armazenamento, não foram encontrados.

A questão da propriedade dos silos é um tema a explorar, mas tudo leva a crer que, embora partilhassem a mesma mancha territorial, não teriam um único proprietário que o fosse também daquele espaço. De entre a documentação existente assinala-se, por exemplo: uma Carta Régia datada de 1311, que apresenta a partição dos bens de Urraca Machado e de João Machado em Carnide e na lista de propriedades e direitos, os silos aparecem à parte<sup>25</sup>; duas cartas régias, datadas respetivamente de 1429 e 1442, referem o “pam encovado” em Carnide, no primeiro caso propriedade de moradores e no segundo caso de um arcebispo que usufruía de direitos pelas covas que tinha em Carnide; num outro documento, também transcrito,

<sup>25</sup> ANTT, *Chellas*, nº 395, transcrito em AZEVEDO, 1905, 11.

datado de 1501, descreve-se a disputa entre familiares pela posse e utilização de algumas covas em Carnide que os marcos de propriedade não evitaram, por terem sido arrancados<sup>26</sup>.

As projeções sobre a capacidade produtiva e de armazenamento de cereais a partir do cálculo da capacidade de armazenamento dos silos nunca poderão passar de meras estimativas a serem usadas com muita precaução, sobretudo e como no caso de Carnide, em que é raro que o silo apareça na sua forma completa no registo arqueológico<sup>27</sup>. A esse fator acresce não se conseguir destrinçar, na quantidade de silos registados, quantos e quais estavam a ser utilizados em simultâneo. De igual modo, quase impossível de levar em linha de conta nessas projeções são os outros sistemas de armazenamento não subterrâneo, também em uso na mesma altura e no mesmo local, que não aparecem no registo arqueológico.

A manutenção dos silos implicava cuidados a ter no cíclico enchimento e esvaziamento e a vigilância anual dos ensilamentos de longa duração (abertura na Primavera/Verão para verificar o estado do silo e do

<sup>26</sup> Chancelaria de D. Manuel I, liv. 46, fl. 39v. (PT/TT/CHR/K/46/39-138v).

<sup>27</sup> A partir das dimensões dos silos de Carnide é possível estimar uma capacidade média unitária de 4,5m<sup>3</sup>.

grão e poder atuar de imediato). O tempo útil de utilização de um silo, dependeria do desgaste e deterioração estrutural, ou da perda de eficácia na conservação, provocadas pela quantidade de vezes que era utilizado ou de acidentes que causassem a sua destruição. A investigação da Arqueologia Experimental tem apurado uma média de dez anos em condições normais, mas na realidade há muitos fatores a levar em consideração que explicarão as referências a ensilagens eficazes com muitos mais anos (Miret i Mestre, 2005, 2006 e 2008; Ollic *et alii*, 2021).

Assim, as razões para o abandono dos silos na sua função de celeiros subterrâneos devem ser procuradas entre um alargado conjunto de situações, que os ensaios de Arqueologia Experimental têm assinalado: o tempo de vida útil de um silo e sua degradação natural, gradual, catastrófica ou intencional, fruto do abandono da estrutura, deixada vazia e sem manutenção, mesmo que ainda aparentemente em estado de ser utilizada. Relacionadas com estes fenómenos estão circunstâncias e conjunturas estudadas pela investigação em História Económica e Social: flutuações na produção de cereal devidas a maus anos agrícolas ou a falta de mão de obra<sup>28</sup>; passagem de uma economia de subsistência que permite alguma autonomia na gestão da produção, armazenamento, consumo e distribuição para uma economia de mercado mais centralizada<sup>29</sup> e finalmente, muito simplesmente, o abandono do hábito da ensilagem em favor de outros sistemas<sup>30</sup>.

A fase de abandono dos silos é frequentemente ilustrada pela sua reutilização como lixeiras subterrâneas ou pelo abandono definitivo das estruturas e o caso de Carnide não é exceção. A grande maioria dos silos de Carnide, após o seu ciclo de utilização como celeiros subterrâneos, foram preenchidos com lixo. Estes enchimentos com lixo foram, de acordo com a interpretação arqueológica, relativamente rápidos, ain-

<sup>28</sup> A incidência e regularidade das epidemias com repercussão demográfica, resultando em episódios de falta de mão-de-obra, abandono dos campos de cultivo e diminuição de excedentes cerealíferos a armazenar, é fenómeno conhecido nos inícios do séc. XV na região do Tojal (Marques, 1968, 58), no concelho de Loures, área geograficamente próxima de Carnide.

<sup>29</sup> O crescente processo de centralização do armazenamento a partir do séc. XVI na cidade de Lisboa, com a criação do Terreiro do Trigo é um fenómeno estudado (Marques, 1968, 114).

<sup>30</sup> A perda de interesse por um sistema já obsoleto que exigia uma manutenção regular e que preocupava as autoridades e os particulares, materializou-se também em diretivas que frequentemente ordenaram o seu encerramento devido a ruína ou sujidade (Marques, 1968, 119).

da que a estratigrafia se apresente complexa porque correspondente a vários despejos ocorridos em pouco tempo. Esta situação sugere que terá existido uma gestão de resíduos, indiciando que haveria locais onde o lixo seria acumulado para depois ser despejado num silo, esgotando-o rapidamente para permitir o seu encerramento definitivo, o que pode denunciar a preocupação na contenção do perigo de contaminações.

Para além da riqueza de informação proveniente do lixo depositado, este último fenómeno fornece as cronologias do abandono da função de celeiro e do uso enquanto lixeira. Neste aspeto, o caso de Carnide é um ótimo exemplo, uma vez que, dos silos na sua função de lixeira, foi recuperado espólio que permitiu apurar cronologias. Tudo parece indicar<sup>31</sup> que foi ao longo do século XVII que os silos foram sendo abandonados na sua função de celeiros e muitos deles reutilizados como lixeiras subterrâneas. A abundância e diversidade dos materiais, por outro lado, tem tornado possível devolver imagens do quotidiano de finais do século XVI aos fins do século XVII de uma aldeia vocacionada para a produção agrícola (mas que era também local de peregrinação religiosa), onde conviviam humildes e privilegiados<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> Como comprovam os materiais que fornecem as cronologias mais finas, a porcelana chinesa da Dinastia Ming, concretamente do Período Jiajing (1522-1566), a faiança com gramáticas decorativas enquadáveis na primeira metade do século XVII (notando-se a ausência do uso de manganés ou de motivos típicos da segunda metade desse século, como os aranhões ou as rendas), assim como as importações espanholas e italianas desta época. Também os vidros se integram nas produções da primeira metade do século XVII. Salienta-se em todo o conjunto artefactual, uma peça em cerâmica comum que funciona como *terminus post quem* para a fase de abandono, um copo medidor com marca e duas datas grafitadas: 1621 e 1622.

<sup>32</sup> Recolheram-se sobretudo peças de cerâmica comum, vidrada e pintada a branco, brunida, de mesa e de cozinha, como malgas, taças, tigelas, pratos, púcaros, panelas, frigideiras, espedeiros, recipientes de iluminação, brinquedos, mealheiros, apitos de água, cerâmica modelada e de imitação, cerâmica pedrada, esmaltada, faiança, porcelana e produções majólicas, de Paterna-Manises. (Casimiro, Boavida e Detry, 2017; Casimiro, Boavida e Moço, 2017; Casimiro, Henriques, Filipe e Boavida, 2018; Casimiro e Boavida, 2021a; Casimiro e Boavida, 2021b; Casimiro e Boavida, 2023; Casimiro, Moço, Boavida, no prelo). Também importante é o conjunto de peças em vidro, destacando-se as importações venezianas, algumas inteiras, nomeadamente cálices e taças (Medici e Boavida, 2018) e sobretudo os objetos em metal, como ferramentas de trabalho doméstico, de lavoura ou mesmo do processo de panificação, como as pintadeiras, a par de peças mais extraordinárias, como elementos de instrumentos musicais (Boavida 2017a e 2017b) e um molde de projétil. Peças de adorno ou mesmo um apito em osso, ilustram

## 5. A POSSIBILIDADE DE REESCREVER A HISTÓRIA DE CARNIDE

A bibliografia disponível sobre Carnide dá a entender que o centro histórico atual corresponde ao núcleo habitacional primitivo da aldeia medieval (Jorge, 1994, 214-215; Moita, 2000a, 222-223, entre outros), mas a investigação arqueológica tem mostrado uma diferente ocupação do espaço.

Tudo leva a crer que, durante a época medieval, na área central do que é atualmente considerado o núcleo histórico de Carnide existiu não um aglomerado habitacional, mas um terreiro de silos a céu aberto que confinava a Oeste com a Ermida do Espírito Santo (a partir do século XVII transformada em igreja e dotada de cemitério).

As únicas referências seguras a edificações medievais em Carnide dizem respeito à Ermida do Espírito Santo (edifício religioso que se ergue em sítios ermos / despovoados, normalmente num local topograficamente elevado), à Igreja de São Lourenço (na primeira metade do século XIV, sensivelmente no mesmo local que ocupa atualmente, já fora do promontório onde os silos foram construídos) e a uma casa com torre na quinta dos Machados (Azevedo, 1905, 18-19 e 30). Os edifícios religiosos, como já foi referido, são compatíveis com a existência do terreiro dos silos. A casa com torre ainda não foi localizada arqueologicamente, mas a sua existência remete para uma localização central e topograficamente elevada a meio de uma grande propriedade fundiária<sup>33</sup>.

Assim, a localização da aldeia medieval cristã continua desconhecida. Se documentalmente a palavra “aldeia”, sugerindo núcleo habitacional, aparece re-

---

também a coleção artefactual. Dispersos por praticamente todos os silos, foram também recuperados cerca de 300 numismas, exclusivamente moeda de baixo valor, sobretudo ceitis dos reinados de D. João III e D. Sebastião (Curado, 2019). Para além do espólio artefactual, é também abundante, diversificado e rico em informação, o espólio faunístico (Davis *et al.*, 2018; Detry, Santos, Caessa e Mota, 2021) recuperado no interior dos silos.

<sup>33</sup> Estas residências fortificadas, designadas como “torre”, “casa torre”, ou “casa forte” (na documentação arquivística), possuíam normalmente uma planta quadrangular, três pisos coroados com ameias e eram mandadas construir e habitadas por membros da pequena e média nobreza medieval, no centro das suas extensas propriedades fundiárias de produção agrícola, cumprindo funções que tanto se relacionavam com necessidades de defesa, como e sobretudo de representação de poder e prestígio social (Barroca, 1998).

ferida pelo menos desde 1313<sup>34</sup>, outras referências documentais denunciadoras de escassa urbanização, fazem pensar numa presumível ocupação habitacional dispersa no espaço<sup>35</sup>.

A região e o sítio de Carnide em particular, até ao século XV, seria erma, de espessos bosques percorridos por salteadores, quase sem caminhos e apenas com um atalho em direção a Benfica. No século XV, na sequência do milagre ocorrido entre arvoredos onde era comum a caça, foi erigida a Ermida de Nossa Senhora da Luz (Soveral, 1610, 52v), transformada em Igreja no século XVI e acrescida de um Hospital no século XVII, altura em que o local já se tornara um local de peregrinação famoso e começava a proliferar a instalação dos conventos.

Novas dinâmicas urbanísticas foram sendo promovidas na envolvente dos edifícios religiosos e também do terreiro de silos, surgindo as primeiras referências documentais a ruas, a Rua do Machado, em 1555, e a Rua das Parreiras, em 1606 (Pereira, 1914, 350 e 404) que, tal como outras do atual núcleo histórico de Carnide, parecem definir-se ao longo das cercas dos conventos e das grandes quintas, ou marcando os itinerários das peregrinações. Apenas numa situação foram encontradas, sobre um silo, estruturas de alicerce datáveis de um período compreendido entre o século XVII e o XVIII (Monteiro e António, 2013, 12), o que permite supor uma requalificação do espaço após o abandono dos silos<sup>36</sup>, mantendo-se, contudo, a função religiosa e cemiterial do espaço.

O urbanismo do que é presentemente o centro histórico de Carnide parece surgir após o Terramoto de 1755. Não existindo já a Ermida do Espírito Santo e à exceção dos edifícios conventuais, o edificado nessa zona é nitidamente posterior aos meados do século XVIII, constatando-se o reaproveitamento de elementos arquitetónicos de épocas anteriores.

---

<sup>34</sup> Por exemplo na “Carta de doação, partida por abc que fez Urraca Martins Machado com licença da priora e convento de Chellas, a Gil Fernandes e Constança Esteves, sua criada, de uma coureira de vinha, a qual depois reverteria em favor do convento. 7 de janeiro de 1351 [1313] (Azevedo, 1905, 15).

<sup>35</sup> A este respeito pode citar-se o exemplo de Paio de Pele (em Vila Nova da Barquinha), presente na documentação desde meados do séc. XII e dotada de foral na época de D. Manuel, continuava no séc. XVI como uma aldeia de povoamento disperso (Dias, 1989, 15-48).

<sup>36</sup> A mesma hipótese de reocupação do espaço dos silos foi já colocada a propósito da intervenção arqueológica no Largo do Jogo de Bola (Diogo e Vital, 1998, 52).

A planta mais antiga de Carnide, datada de 1827, *Planta da Luz e Carnide*, já apresenta uma estrutura urbana semelhante à atual. Os eixos principais representados nesta planta, parecem ser artérias fossilizadas, provavelmente desde o fenómeno urbanístico do século XVII, período em que os silos começam a ser abandonados. Se, no todo ou em parte, coincidem com os itinerários medievais é difícil apurar, uma vez que foram registados silos em toda a extensão da Rua do Machado e da Rua Neves Costa (antiga Rua Direita à Luz), os principais eixos.

As múltiplas questões levantadas pelos resultados dos trabalhos arqueológicos realizados no Largo do Coreto e nas ruas adjacentes, constituem, acima de tudo, mais um ponto de partida para refletir e reescrever a história de Carnide.

## REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

*Planta da Luz e Carnide* à escala 1: 2 500, de 1827-1828; [?] PT-GEAEM/DIE-2322-2-16-20 (Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar).

*Planta Topográfica de Lisboa: Plantas 5Q e 6Q* à escala 1:1000, de 1908; [Serviço de Obras Públicas / 3ª Repartição; Direcção de J. A. V. da Silva Pinto; Desenhada por D. Florez, Lisboa]; CML/SB/URBA/LT/03-175 e 176 (Arquivo Municipal de Lisboa).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, António de Sousa (1977) – *O Santuário da Luz: Glória de Carnide*. Lisboa: edição de autor.

AZEVEDO, Pedro (1905) – Urraca Machado, dona de Chellas. In *Archivo Histórico Portuguez*, volume III, Lisboa, pp. 1-33.

BATALHA, Luísa; MONTEIRO, Mário; CARDOSO, Guilherme (2020) – Estruturas romanas de Carnide – Lisboa. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andreia; NEVES, César, ed., *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1335-1345.

BARROCA, Mário (1998) – Torres, casas fortes ou casas torres. A concepção do espaço e habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (séculos XII-XV). In *Revista de História das Ideias*, 19, Coimbra: IHTI-FLUC, pp. 39-103.

BLANCHI, Giovanna; QUIRÓS CASTILLO, Juan (2013) – From archaeology of storages systems to agricultural archaeology. In *Horrea, Barns and Silos. Storage and Incomes in Early Medieval Europe*. Col. Documentos de Arqueologia Medieval nº 5, Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 17-21.

BLANES ANDRES, Roberto (2005) – *Los Silos de Burjassot*. Burjassot/Valencia.

BOAVIDA, Carlos (2017a) – Preparar, servir e comer – vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem. In *Diz-me o que comes... alimentação antes e depois da cidade* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, nº 1). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 122-130.

BOAVIDA, Carlos (2017b) – De objectos inúteis, perdidos e esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa). In *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1835-1847.

BOAVIDA, Carlos; MEDICI, Teresa (2018) – Da importação à inspiração. Os vidros do Largo do Coreto, Carnide (Lisboa). In *Meios, vias e trajectos... Entrar e sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 177-194.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2013) – Redescobrimo a história de Carnide: a intervenção arqueológica do Largo do Coreto e envolvente. In *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1025-1032.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2014) – O núcleo histórico de Carnide: o contributo da investigação arqueológica. In *Quadros da História de Lisboa: a Freguesia de Carnide*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp. 83-104.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2016) – Núcleo histórico de Carnide: uma leitura arqueológica. In *Rossio. Estudos de Lisboa*, 6, Lisboa: CML/DMC/DPC/GEO, pp. 96-107. Disponível em: [https://issuu.com/gabinete\\_estudos\\_olisoponenses/docs/rossio\\_6i](https://issuu.com/gabinete_estudos_olisoponenses/docs/rossio_6i).

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2023) – “Cada cavadela, sua minhoca”: Arqueologia Pública e comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente (Carnide, Lisboa) In *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1983-1994.

CALADO, Maria; FERREIRA, Vítor Matias (1991) – *Lisboa. Freguesia de Carnide*. Guias Contexto, CML, Lisboa.

CARDOSO, Guilherme; GONZALEZ, António (2008a) – Duas cupas romanas em Carnide (Lisboa), In *Almadan*, IIª série, nº 16 (Dezembro) Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 6.

CARDOSO, Guilherme; MONTEIRO, Mário (2008b) – Um instrumento votivo pré-histórico descoberto em Carnide), In *Almadan*, IIª série, nº 16, (Dezembro) Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 7.

CARVALHO, José da Silva (1987) – *Carnide e o Seu Património Edificado. Um Percurso de Sete Rios à Pontinha*. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide.

CARVALHO, José da Silva (2021) – *A ermida que há em Carnide*. Lisboa: Caleidoscópio.

- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos; MOÇO, Ana (2017) – Louça de fora em Carnide (1550-1650). Estudo do consumo de cerâmica importada. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Novembro de 2015)*, Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL, pp. 56-67.
- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos; DETRY, Cleia (2017) – Cozinhar e comer: cerâmicas em Carnide (1550-1650). In *Diz-me o que comes... alimentação antes e depois da cidade* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, nº 1) Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 122-130.
- CASIMIRO, Tânia; HENRIQUES, José Pedro; FILIPE, Vanessa; BOAVIDA, Carlos (2018) – Lead glazed ceramics in Lisbon (16th-18th centuries). In *Proceedings of the GlazeArt 2018 – International Conference Glazed Ceramics and Cultural Heritage*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, pp. 268-282.
- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos (2021a) – 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries lead glazes from Carnide (Lisbon). In *12<sup>th</sup> Congress on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics – Proceedings*, vol. 1 (2018). Athens: Institute of Historical Research, National Hellenic Research Foundation, AIECM3 – Associação Internacional para o Estudo da Cerâmica Medieval e Moderna no Mediterrâneo, pp. 227-232.
- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos (2021b) – Blow your whistle: Ceramic whistles in early modern Lisbon. In *Europa Postmediaevalis 2020: Post-Medieval Pottery in the Spare Time*. Oxford: Archaeopress, pp. 171-176.
- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos (2023) – Louça vermelha pintada a branco de Carnide (Lisboa) 1550-1650. In *Scaena*, 4. Lisboa: Teatro Romano/Museu de Lisboa – CML, pp. 50-59.
- CASIMIRO, Tânia; MOÇO, Ana; BOAVIDA, Carlos (no prelo) – From simple decorations to complex ideologies. Cultural and social influences in Portuguese tin glaze consumption in 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> century. In *Actas do XIII Congreso sobre Cerámica Medieval y Moderna en el Mediterráneo*; AIECM3 (Granada, 2021).
- CONSIGLIERI, Carlos et alii (1993) – *Pelas Freguesias de Lisboa (Benfica, Carnide, Ameixoeira, Chameca e Lumiar)*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CORREIA, Fernando da Silva (1941) – Os velhos hospitais da Lisboa antiga. In *Revista Municipal* nº 10, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 3-13.
- COSME, Susana Rodrigues (2012) – Intervenção arqueológica na extensão do Museu Alberto Sampaio (Guimarães). Contributo para o conhecimento urbanístico e actividade económica na cidade de época medieval. In *Cidade Antiga / Cidade Medieval, Congresso Histórico Internacional "As Cidades na História – População*, volume 2. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 197-222.
- CUESTA GOMEZ, Fabian; PRATA, Sara (2017) – Uma ara romana recuperada em Carnide, Lisboa. In *Ficheiro Epigráfico* 148. Coimbra: FLUC, pp. 3-9 (epígrafe nº 601).
- CUESTA GOMEZ, Fabian; PRATA, Sara; MAGUSTO, João (2021) – Num buraco no chão vivia... uma história. Arqueologia dos silos medievais e modernos de Castelo de Vide: do armazenamento às lixeiras. In *Pequenas Cidades no Tempo: o Ambiente e Outros Temas*. Lisboa: UNL/FCSH/IEM, e Câmara Municipal de Castelo de Vide, pp. 151-180.
- CURADO, Tiago (2018) – Circulação monetária estrangeira em Portugal, In *Meios, Vias e Trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa nº 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL e SGL/SA, pp. 195-199.
- CURATE, Francisco; PEREIRA, André; MONTEIRO, Mário (2016) – Bioantropologia de uma amostra esquelética islâmica proveniente de Carnide (Lisboa). In *Emerita: Estudos de arqueologia e Património Cultural*, 2, Lisboa: Emerita – Empresa Portuguesa de Arqueologia, pp. 93-104.
- DANDRIA, David (2010) – Il Fosos. Underground grain storage in the maltese islands. *Treasures of Malta*, 16, pp. 46-54 [disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/291160574>]
- DAVIS, Simon; ALBARELLA, Umbero; DETRY, Cleia; GINJA, Catarina; GÖTHERSTROM, Anders; PIRES, Ana Elisabete; SENDIM, Alfredo & SVENSSON, Emma (2018) – An osteometrical method for sexing cattle bones: the metacarpals from 17<sup>th</sup> century, Carnide, Lisbon, Portugal. In *Annalen des Naturhistorischen Museums in Wien*, Série A, 120, pp. 367-387.
- DETRY, Cleia; SANTOS, Ana Beatriz; CASIMIRO, Tânia; CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2021) – Animal remains from 17<sup>th</sup> century, Carnide, Lisbon, Portugal. In *Themes in world zooarchaeology from the Mediterranean to the Atlantic*. Oxford and Philadelphia: Oxbow, pp. 145-160.
- DIAS, João José Alves (1989) – *Paio de Pele. A Vila e a Região do Século XII ao XVI*, Assembleia Distrital de Santarém / Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha.
- DIOGO, A. M. Dias; VITAL, Nestor Faria (1998) – Estudo das moedas encontradas nos silos do Largo do Jogo da Bola. In *Olisipo: Boletim do Grupo de Amigos de Lisboa*, 2ª série, 6, Lisboa, pp. 49-52.
- Documentos do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa. Livro de Reis*, volume II, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1958.
- ESPOSITO NAVARRO, Luis Manuel (2005) – *Los Silos de Burjassot: el Granadeiro de Valencia*. Burjassot / Valencia.
- FERREIRA, Mulize (2000) – *Relatório do Acompanhamento de Obras na Fábrica de Papel de Carnide (sondagem)*. Lisboa. Policopiado.
- FIGUEIREDO, Paulo (2005) – *Freguesia de Carnide. Um Lugar Único e Mágico*. Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide.

- GARCIA y BELLIDO, António (1947) – *La España del Siglo Primero de Nuestra Era Segun P. Mela y Plinio*. Madrid: Austral.
- GARCIA, Susana; CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2022) – Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: Vestígios do cemitério e da ermida do Espírito Santo. In *A Morte em Lisboa – Novos dados, Novas Problemáticas* (Colóquio no Museu do Carmo, 8 de abril de 2017), *Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, volumes 71-72, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 105-118.
- GELICHI, Sauro (2013) – Conclusioni. In *Horrea, Barns and Silos. Storage and Incomes in Early Medieval Europe*. Col. Documentos de Arqueologia Medieval nº 5, Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 217-223.
- GONÇALVES, Julieta da Cunha (1994a) – Carnide (palácio dos condes de). In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 213-214.
- GONÇALVES, Julieta da Cunha (1994b) – Santa Teresa de Carnide (convento de). In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 854-855.
- GONÇALVES, Iria (2019) – Lisboa e o seu abastecimento de cereais. In *Pão Carne e Água. Memórias de Lisboa Medieval*. Lisboa: CML/DMC/DPC/DAM e UNL/FCSH/IEM, pp. 49-59.
- JORGE, Maria Júlia (1994) – Carnide (sítio de). In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 214-216.
- LÁZARO, João (2014) – A evolução da igreja de São Lourenço de Carnide: um estudo de caso. In *Lusitania Sacra*, nº 29, Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, pp. 181-200.
- MARQUES, A. H. Oliveira (1968) – *Introdução à História da Agricultura em Portugal. A Questão Cerealífera na Idade Média*, Col. “A Marcha da Humanidade”, Lisboa: Edições Cosmo.
- MARTINS, Andreia; NEVES, César; COSTA, Cláudia; LOPES, Gonçalo (2010) – Sobre um conjunto de silos em Beja: a Avenida Miguel Fernandes. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 13, Lisboa: IPA, pp.145-165.
- MIRET I MESTRE, J. (2005) – Les sitges per emmagatzemar cereals. Algunes reflexions. In *Revista d'Arqueologia de Ponent*, nº 15, Lleida: Departament d'Història de la Universitat de Lleida pp. 319-332.
- MIRET I MESTRE, J. (2006) – Sobre les sitges i altres estructures escavades al subsol. In *Cypselà*, nº 16, Barcelona: Museu d' Arqueologia de Catalunya, pp. 213-225.
- MIRET I MESTRE, J. (2008) – L'experimentació sobre sitges tradicionals. Aportacions de l'arqueologia i de l'agronomia. In *Revista d'Arqueologia de Ponent*, nº 18, Lleida: Departament d'Història de la Universitat de Lleida, pp. 217-240.
- MOITA, Irisalva (2000a) – Carnide o Velho: o Sítio. In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 222-229.
- MOITA, Irisalva (2000b) – Igreja de São Lourenço de Carnide. In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 229-231.
- MOITA, Irisalva (2000c) – Convento de Santa Teresa de Carnide. In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 231-235.
- MOITA, Irisalva (2000d) – Quintas Nobres da Rua do Norte, Quinta dos Azulejos, Quinta da Marquesa, Quinta das Barradas. In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 235-238.
- MOITA, Irisalva (2000e) – Palácio dos Condes de Carnide. In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte. M. Maia Ataíde e M. Micaela Soares), Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 238-241.
- MOITA, Irisalva (2000f) – Quinta do Bom Nome (Quinta do Sarmento). In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 241-242.
- MOITA, Irisalva (2000g) – Quinta da Boa Vista (Casal do Falcão). In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, volume V, 4º tomo, 2ª parte, Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 243-244.
- MONTEIRO, Mário; ANTÓNIO, Telmo (2013) – Vestígios arqueológicos na casa Portela Santos (Carnide Lisboa). In *Emerita - Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, nº 1, Lisboa: Emerita – Empresa Portuguesa de Arqueologia, pp. 74-112.
- MONTEIRO, Mário; CARDOSO, Guilherme (2016) – Vestígios arqueológicos identificados no Largo da Praça (Carnide, Lisboa). In *Emerita: Estudos de Arqueologia e Património Cultural* nº 2, Lisboa: Emerita – Empresa Portuguesa de Arqueologia pp. 46-62.
- NÓVOA, Rita Luís Sampaio da (2010) – *A Casa de São Lázaro de Lisboa: Contributos para uma História das Atitudes Face à Doença (Sécs. XIV-XV)*, Dissertação de Mestrado em História Medieval, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- OLLICH, Imma; ROCALIGUERA, Montserrat; OCAÑA, Maria; CUBERO, Carme; AMBLÁS, Oriol (2012) – Experimental Archaeology at L'Esquerda – Crops, Storage, Metalcraft and Earthworks in Medieval and ancient Times, In *Archaeology, New Approaches in Theory and Techniques*, pp. 205- 228. Disponível em: <http://www.intechopen.co,/books/archaeology-new-approaches-in-theory-and-techniques/>.

- PAÇO, Afonso do (1959) – Notas arqueológicas da região de Alcobertas (Rio Maior). In *Congresso Nacional de Arqueologia. Actas e Memórias*. Volume 1, Lisboa: Tipografia Portuguesa, pp. 291-292.
- PEREIRA, Gabriel (1910) – *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, Lisboa: Clássica Editora.
- PEÑA-CHOCARRO, Leonor; GONZALEZ URQUILO, Jesus Emílio; IBAÑEZ, Juan José; ZAPATA, Lydia (2013) – Técnicas de almacenamiento de alimentos en el mundo rural tradicional: experiencias desde la etnografía. In *Horrea, Barns and Silos. Storage and Incomes in Early Medieval Europe*. Col. Documentos de Arqueologia Medieval nº 5, Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 209-216.
- PEREIRA, José Baptista (1914-1916) – Memórias de Carnide. In *O Instituto: Revista Científica e Literária*, volumes 61-63, Coimbra: Imprensa da Universidade, [vol. 61, 1914: pp.167-183, 229-249, 273-287, 337-353, 404-422, 467-480, 497-515, 586-597, 647-664][vol. 62, 1915: pp. 46-66, 102-108, 154-170, 211-216, 254-278, 319-329, 366-375, 421-428, 497-512, 536-544, 587-592][vol. 63, 1916: pp. 49-56, 107-112, 169-176, 210-214, 283-290, 339-349, 426-432, 459-469, 543-548, 575-584].
- PEREIRA, Luiz Gonzaga (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833 (Manuscripto nº 215 da Secção dos Reservados da Bibliotheca Nacional)*, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, pp. 92-95, 100-104; 256-259.
- PEYTREMANN, Edith (2013) – Structures et spaces de stockages dans les villages alto-médiévaux (6<sup>e</sup> -12<sup>e</sup> s.) dans la moitié septentrional de la Gaule: un apport à l'étude socio-économique du monde rural. In *Horrea, Barns and Silos. Storage and Incomes in Early Medieval Europe*. Col. Documentos de Arqueologia Medieval nº 5, Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 39-56.
- PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo (1974) – *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa, pp. 47-55.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan (2013) – Silos y sistemas de almacenaje en el País Vasco en la Alta Edad Media. In *Horrea, Barns and Silos. Storage and Incomes in Early Medieval Europe*. Col. Documentos de Arqueologia Medieval nº 5, Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 171-191.
- RAMOS, Rita (2000) – *Relatório do Acompanhamento de Obras na Fábrica de Papel de Carnide, (escavação)*. Lisboa. Policopiado.
- ROSA, Ana Cristina Barroso (2013) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Largo do Coreto em Carnide* [CME]. Policopiado.
- ROSA, Sérgio Manuel Peleja (2019) – *Os silos medievais de Almada. Morfologia e dinâmicas de utilização*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (versão corrigida e melhorada após defesa pública). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SOUSA, Luís Pereira de (1923) – *O Terremoto do Primeiro de Novembro de 1755 em Portugal. Um Estudo Demográfico*, volume III, Lisboa: Serviços Geológicos.
- SOVERAL, Padre Frei Roque do (1610) – *História do Insigne Aparecimento de Nossa Senhora da Luz e Suas Obras Maravilhosas*, Lisboa: Pedro Crasbeeck.
- SUCENA, Eduardo (1994a) – Luz (sítio da). In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 548-549.
- SUCENA, Eduardo (1994b) – Nossa senhora da Luz (santuário e mosteiro). In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Lisboa94, pp. 639-641.
- TRINDADE, Maria José Lagos; GASPAR, Jorge (1973-1974) – A utilização agrária do solo em torno de Lisboa. In *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. nº 79-80, Lisboa, pp. 5-13.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2013) – Ver el silo medio lleno o medio vacío la estructura arqueológica en su contexto. In *Horrea, Barns and Silos. Storage and Incomes in Early Medieval Europe*. Col. Documentos de Arqueologia Medieval nº 5, Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 127-144.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2025

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)